

EDUCAÇÃO MUSICAL A DISTÂNCIA: EXPERIÊNCIAS INICIAIS COM PROFESSORES UNIDOCENTES

Luciana Requião
Universidade Federal Fluminense
lucianarequiao@id.uff.br

Resumo

Neste artigo buscamos apresentar experiências iniciais e fundamentos que nortearam o desenvolvimento de propostas de formação na área da música para professores unidocentes através de um curso a distância. Pudemos avaliar que, conforme Swanwick, as professoras percebem a música como “gestos expressivos incorporados em formas coerentes”, mas apresentam dificuldades em caracterizar os materiais sonoros que formam tais gestos e em operar com estruturas musicais simples. Nesse sentido, a interlocução via plataforma *moodle* resultou em formas positivas de ensino-aprendizagem musical.

Palavras-chave: educação musical; formação de professores; EAD

Abstract

The article aims to present initial experiments and basics that guided the development of proposals in the area of music for teachers through distance learning. We were able to evaluate that, as Swanwick wrote, teachers realize music as “expressive gestures embodied in consistent ways.” However, they had difficulties to characterize the sound materials which form such gestures and in operating with simple musical structures. The dialogue via moodle provides the interaction between teacher and student, resulting in positive ways of teaching and learning music.

Keywords: music education; training teacher; distance learning

1. Introdução

Desde 2010 vimos desenvolvendo pesquisas que buscam nos auxiliar na compreensão das formas de proporcionar uma formação musical inicial ou continuada significativa aos professores unidocentes em formação e em exercício. Em todas as oportunidades que tivemos de contato presencial com esses professores, a pouca carga horária disponível para este trabalho, e o grande número de alunos, foi sempre algo que nos impunha um limite desafiador. Nesse contexto, diversas questões surgiam: Qual o papel da música na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental? Qual o conteúdo a ser trabalhado com esses professores? De que forma instigar esses profissionais, ou futuros profissionais, ao trabalho com música em sala de aula? Como aproveitar a bagagem musical que trazem consigo? Mesmo que tenhamos respostas a essas perguntas na literatura disponível na área da Educação Musical, buscávamos entender essas questões no diálogo com esses professores. Nossas ações tiveram como eixo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, e foi, em especial, na interação com professores e gestores de Mangaratiba, município do litoral sul fluminense do estado do Rio de Janeiro, que teve início um processo de pesquisa-ação. Segundo Tripp,

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (Tripp 2005, 445-446)

A pesquisa-ação não foi uma opção metodológica adotada. Ao contrário disso, na medida em que a interação entre pesquisadores, professores, gestores e a escola ocorreu, esse processo foi se configurando. Conforme Thiollent (2011, 55), “o planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível. Contrariamente a outros tipos de pesquisa, não se segue uma série de fases rigidamente ordenadas” e, poderíamos acrescentar, também não se segue uma série de fases previamente definidas.

O contexto onde teve início esse processo foi o período pós-promulgação da Lei 11.769/2008, quando as escolas teriam três anos para se adaptar às novas exigências das diretrizes que indicavam a obrigatoriedade do ensino de música em toda a educação básica. Na ocasião havíamos realizado um levantamento nas escolas de quatro municípios vizinhos do litoral sul fluminense – Angra dos Reis, Mangaratiba, Paraty e Rio Claro – que nos mostrou as dificuldades encontradas pelas respectivas secretarias de educação em encontrar formas de pôr em prática os dispositivos da referida lei.

Encontramos dificuldades de toda sorte: sobre a compreensão do papel da música no contexto escolar; sobre a forma de se inserir o conteúdo musical no Projeto Político Pedagógico das escolas¹; sobre o profissional que seria o responsável pela efetivação do ensino de música; entre outros. Não obstante a consciência que professores e gestores tinham dessas dificuldades, a parceria entre escola e universidade não foi algo muito fácil de estabelecer. Poderíamos elencar uma série de possibilidades para esse fato, mas o que importa aqui é destacar que o município de Mangaratiba foi o único, nesse período, que explicitamente e objetivamente propôs esse diálogo. Por meio do Ofício nº412/2012, assinado pelo então secretário de educação municipal de Mangaratiba,

1 A Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu Art. 14, observa que “os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades”. Desta forma, cada unidade escolar deverá elaborar um documento designado como Projeto Político Pedagógico (PPP).

Sr. Devanil Gonçalves da Silva, foi solicitado ao Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense, local onde atuo como docente, assessoria técnica para os professores da educação básica no conteúdo de música.

Se de um lado tínhamos uma secretaria de educação reagindo aos desafios impostos pela legislação, de outro tínhamos um grupo de pesquisadores e estudantes universitários buscando alternativas para interagir com a sociedade na busca por discutir, em particular, a questão do ensino de música no espaço escolar². De imediato pensamos na extensão universitária como uma forma profícua de estabelecer essa parceria. Estávamos em consonância com Thiollent ao entender que:

A extensão também é uma construção ou (re)construção de conhecimento, envolvendo, além dos universitários, atores e públicos com culturas, interesses, níveis de educação diferenciados. A construção extensionista não está limitada aos pares, abrange uma diversidade de públicos externos com os quais é preciso estabelecer uma interlocução para identificar problemas, informar, capacitar e propor soluções. (Thiollent 2006, 153)

A extensão foi a mola propulsora de um processo de interação com o meio, permeado pela investigação, análise, avaliação e reavaliação desse processo³. O curso foi organizado em um módulo de 30 horas/aula, e reuniu professores de artes visuais e professores unidocentes, totalizando cerca de 80 participantes.

A experiência vivida nos apresentou pistas de que é possível desenvolver um trabalho de formação na área da educação musical

-
- 2 Constituímos, no âmbito do Instituto de Educação de Angra dos Reis, o Grupo de Estudos em Cultura, Trabalho e Educação (GECULTE), que agrega professores, estudantes e técnicos da universidade, preocupados em debater a relação entre música e educação.
 - 3 Sobre essa trajetória ver Requião (2013a).

junto aos professores de artes e professores generalistas já atuantes na educação básica. A primeira e mais importante dessas pistas é o desejo e a grande motivação dos professores de trabalharem com a música. (Requião 2013a, 97-98)

Pudemos avaliar que, conforme Swanwick, as professoras percebem que a música é, de fato, constituída por “gestos expressivos incorporados em formas coerentes” (Swanwick 2014, 43). Porém, faltam-lhes conhecimentos conceituais que permitam caracterizar de forma objetiva de que materiais sonoros são formados tais gestos, possivelmente por uma limitação perceptiva, além de uma dificuldade em operar com estruturas musicais simples. Tendo sempre em mente de que na música “não são materiais sonoros que são estruturados, e sim caracterizações ou gestos musicais” (Swanwick 2014, 54), limitamo-nos, de certa forma, ao trabalho com os parâmetros musicais (alturas, durações, intensidades e timbres) e a noção de pulso e andamento, sempre nos valendo do conhecimento musical prévio das professoras, ou seja, do fato de que elas convivem constantemente com essa linguagem artística em seu meio de vida e que, portanto, a música não lhes é estranha.

Como desdobramento desse trabalho, desenvolvemos um material audiovisual elaborado a partir das questões mais prementes apresentadas pelas professoras. Esse material foi idealizado para ser consultado por esse professor unidocente, algo que contribuísse para sua autoformação. Distribuímos a cerca de 700 professores da rede pública dos quatro municípios citados, através de oficinas onde tivemos a oportunidade de expor o processo de elaboração, seus fundamentos e forma de utilização⁴.

O conteúdo desse material é exposto de forma audiovisual, por meio da voz de um narrador que conduz o leitor através de exemplos e exercícios sonoros que têm sua correlação em uma forma visual.

4 O material foi elaborado a partir de recursos da FAPERJ.

Propomos o trabalho com a percepção, a execução e a criação musical utilizando como material os parâmetros musicais (ou qualidades do som) como a duração, a intensidade, o timbre e a altura, e as noções de pulso e andamento. Buscamos proporcionar atividades que possam auxiliar no desenvolvimento do (re)conhecimento de elementos básicos da música e acreditamos na capacidade dos professores em, eles mesmos, criarem novos exercícios e desdobramentos das atividades propostas que possam ser utilizadas em sala de aula. O material foi intitulado “Sons e Pulso: formação inicial em música e educação” (Requião 2013b) e foi a base do curso que, posteriormente, desenvolvemos como ensino a distância (EaD)⁵.

Neste artigo buscamos apresentar experiências iniciais e fundamentos que nortearam o desenvolvimento de propostas de formação inicial na área da música para professores unidocentes através de um curso a distância. Esse curso vem sendo desenvolvido como disciplina curricular do curso de Pedagogia do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e como extensão universitária destinada a professores da rede pública municipal. Acreditamos que o uso de ferramentas tecnológicas pode subsidiar e estimular processos de formação inicial e continuada a professores, em especial em contextos que não dispõem de outros tipos de recursos. Além disso, observamos que a interlocução via plataforma *moodle* propiciou interessantes formas de interação entre professor e aluno, resultando em formas positivas de ensino-aprendizagem musical.

5 Este material está disponível em https://issuu.com/lucianareq/docs/sons_e_pulso.

2. Sobre o ensino a distância e a educação musical

A educação musical a distância cria soluções para descentralizar o ensino que anteriormente era circunscrito a algumas cidades, em um sistema favorável a alunos que, se tivessem como única opção a educação presencial, não poderiam estudar (Gohn 2011, 203).

Essa afirmação de Gohn retrata muito da realidade que observamos em nossas pesquisas em escolas de municípios localizados no litoral sul do estado do Rio de Janeiro. Para atender a essa região, somente em 2009 foi criada uma instituição pública com a oferta de formação presencial em nível de terceiro grau, o Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da Universidade Federal Fluminense. Inicialmente oferecendo formação em Pedagogia, hoje temos também a Licenciatura em Geografia e o Bacharelado em Políticas Públicas.

O estabelecimento de uma universidade pública em determinada região, e destacamos o IEAR em particular por seu corpo docente constituído exclusivamente por doutores em suas áreas de formação, propicia, além do ensino, o desenvolvimento de pesquisa e extensão. Esse já é um diferencial entre regiões onde essa realidade ainda é distante. Porém, esse fato também não significa a solução para toda a demanda local.

Ao tornar o ensino de música obrigatório na educação básica, a Lei 11.769 enfatizou a necessidade de contratação de profissionais habilitados a este feito e, no âmbito da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, a necessidade de formação musical de professores unidocentes⁶. Nesse sentido, pesquisas que vêm sendo realizadas há décadas, mesmo antes de surgir a ideia de se observar em

6 O parecer do Conselho Nacional de Educação, aprovado em 2016, ressalta, como forma de atender à Lei 11769, a necessidade de formação continuada de professores unidocentes, a inclusão da música como disciplina dos cursos de pedagogia, dentro outros (Conselho Nacional de Educação 2013).

lei a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas, ressaltam a importância da formação musical de professores unidocentes⁷.

Temos o privilégio de, no âmbito do Instituto de Educação de Angra dos Reis, possuir um grupo de estudos que se volta à questão da música e de seus processos de ensino e aprendizagem. Com isso foi possível incluir em nosso curso de pedagogia, a partir de sua reforma curricular realizada em 2015, a disciplina “Educação Musical: conteúdo e método”⁸. Porém, não temos braços suficientes para dar conta de toda a demanda local, que inclui além dos municípios citados as diversas ilhas em seu entorno, onde se encontram diversas escolas. Somente em Angra dos Reis, por exemplo, temos 71 escolas municipais sendo 11 delas localizadas em ilhas⁹. Além do mais, acreditamos na formação de professores como um processo contínuo, sendo necessário não só ampliar nossa possibilidade de alcance como também viabilizar a continuidade desse trabalho.

Gohn (2011) observa que o ensino a distância não é algo novo, e materializa-se sob diversas formas: cartas, livros, telefone, vídeos, internet, e tudo mais o que o desenvolvimento tecnológico de cada época pôde oferecer. Dessa forma, entendemos que nossa primeira investida em oferecer recursos para o desenvolvimento musical dos professores por meio do ensino a distância foi através do desenvolvimento do material audiovisual “Sons e Pulso”, em formato de audiolivro (livro e CD).

Quando tivemos a oportunidade de desenvolver um curso através da plataforma *moodle*¹⁰, o que ocorreu a partir do Centro de Educação a

7 Pesquisadores como Figueiredo (2004) e Bellochio e Garbosa (2014), por exemplo.

8 O processo de inclusão da disciplina “Educação Musical: conteúdo e método” no contexto do curso de pedagogia do IEAR pode ser observado em Requião (2015).

9 Fonte: <[http://www.angra.rj.gov.br/secretaria_sec_unidades.asp?IndexSigla=SEC&vNomeLink=Unidades Escolares#escolas](http://www.angra.rj.gov.br/secretaria_sec_unidades.asp?IndexSigla=SEC&vNomeLink=Unidades%20Escolares#escolas)>. Acesso em 01/10/2016.

10 Moodle significa *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*. É um software gratuito que se constitui em um ambiente virtual de aprendizagem.

Distância da UFF, nos pareceu que essa ferramenta nos daria a oportunidade de aprimorar as propostas contidas no livro e limitadas ao possível de se realizar em papel (textos e ilustrações) e arquivos mp3¹¹ armazenados em um CD (os sons narrados e musicais). Com os recursos disponíveis poderíamos “animar” as imagens antes estáticas e sincronizá-las ao áudio. Essa era nossa perspectiva inicial, poder utilizar ferramentas diversas que possibilitassem ampliar os recursos didáticos antes limitados ao papel e ao arquivo mp3. Na ocasião, não tínhamos a compreensão das discussões da área da educação a distância e que, de certa forma, teríamos de enfrentá-las.

Por meio de Belloni (2012), pudemos conhecer a complexidade das discussões acerca do EaD e que, segundo a autora, não há consenso entre os que tratam do tema. De fato, em uma sociedade em que tudo se transforma em mercadoria, inclusive a educação, é fácil recair sobre o EaD o estigma de uma educação fordista, para as massas, ou de uma educação bancária.

Lemgruber está entre os que defendem o EaD. O autor busca desconstruir uma ideia dicotômica entre ensino presencial e o ensino a distância enquanto concepções antagônicas de educação.

Afora o reducionismo que uma opção reduzida à lógica binária comporta, colocar-se a questão se, por sua natureza, a EaD seria bancária ou dialógica, pressupõe que o meio vá determinar a relação pedagógica. É curioso notar que as posturas extremas de rejeição automática ou adesão acrítica se aproximam, ao conferirem aos recursos tecnológicos o poder de conformar a mediação docente. (Lemgruber s.d., 6)

Também em defesa do EaD, na área do ensino de música, Gohn avalia que,

11 O mp3 é um formato de compressão de áudio digital, passível de ser reproduzido em computadores ou outros dispositivos compatíveis.

Com um leque de tecnologias da comunicação musical indo de partituras às redes eletrônicas, a educação musical a distância procura seus caminhos, alcançados com experiências em cursos formais e inovações em softwares e recursos da internet. A constatação de que os avanços tecnológicos acontecem de forma irreversível, cada vez mais rápido, leva à conclusão de que a área está em uma fase transitória, passando da desconfiança total para uma aceitação mais ampla, mas que ainda existem barreiras e complicações que merecem investigação e exigem cautela. (Gohn 2011, 202)

Nossa premissa foi tornar acessível a proposta de formação inicial e continuada em música a professores unidocentes da rede pública. Mas, nesse processo ainda inicial que vivenciamos com o EaD, percebemos no contato com os professores que buscaram no curso subsídios para o trabalho com música em sala de aula, que o uso de ferramentas tecnológicas pode não só subsidiar como também estimular processos de formação inicial ou continuada. Além disso, a possibilidade de interlocução via recursos da plataforma *moodle* propiciou interessantes formas de interação entre professor e aluno, o que buscaremos apontar na seção seguinte.

3. O curso Sons e Pulso EaD

O curso foi dividido em 10 módulos previstos para ocorrerem no período de sete dias cada. Estão previstas duas aulas presenciais, uma antes do acesso à plataforma e outra ao final do curso, totalizando 12 semanas. Em 2014 foram realizadas duas turmas piloto e, no primeiro semestre de 2015, tivemos a primeira turma como disciplina curricular do curso de pedagogia do IEAR. A cada semestre está prevista a

possibilidade de ocorrerem simultaneamente duas turmas, uma oferecida ao curso de pedagogia do IEAR e outra como extensão para professores da rede pública, através de parcerias com secretarias de educação municipal. No segundo semestre de 2016, além da turma de pedagogia, essa parceria foi estabelecida com a secretaria municipal de educação de Niterói, e contamos com 50 alunos inscritos nessa turma.

Estando ainda em uma fase inicial, o curso ainda não chegou a um formato “ideal”. Estamos, aos poucos, conhecendo os recursos disponíveis e suas formas de utilização, assim como conhecendo a forma como os estudantes se relacionam com a plataforma, as dificuldades encontradas e as soluções possíveis. Nas experiências piloto contamos com o importante apoio de um grupo de estudantes do curso de pedagogia do IEAR e de uma técnica em assuntos educacionais, que nos ajudou a estruturar o curso e avaliar seu funcionamento. Este ano contamos com uma estudante de pedagogia que atua como tutora das duas turmas em andamento. Vale observar que a experiência com a tutoria tem apresentado resultados positivos, em especial no estímulo à participação dos alunos nas atividades propostas pelo curso e também no auxílio na utilização dos recursos da plataforma.

Dos recursos disponíveis para a realização de atividades, utilizamos de forma mais frequente os Fóruns, os Chats, as Tarefas, o Questionário e o Quiz, da seguinte forma:

Fórum Esse recurso permite que participantes tenham discussões assíncronas e são utilizados como um espaço para os estudantes se apresentarem, trocarem ideias, para a discussão de questões propostas pelo professor e para a postagem de notícias ou *links* de acesso a conteúdos correlatos aos temas estudados¹².

12 Em ambientes virtuais é possível a utilização de recursos que promovam formas de comunicação síncrona ou assíncrona. Na comunicação síncrona, emissor e receptor enviam e recebem informações em tempo real, como acontece no caso das conversas por *chat*. Nas comunicações assíncronas o emissor envia informações que serão recebidas a posteriori, como é o caso dos fóruns.

Chat Atividade tipo “bate-papo” em tempo real, acessada pelos participantes de forma síncrona. As sessões de *chat* podem ser salvas e disponibilizadas aos alunos posteriormente servindo como material de estudo.

Tarefa nessa atividade o professor comunica determinada tarefa, recolhe o trabalho e fornece notas e comentários. Para isso o aluno, em geral, faz *download* de uma folha de exercícios e após sua conclusão a devolve por *upload*. É possível postar arquivos digitais, como textos, planilhas, imagens, áudios e vídeos.

Questionário módulo de correção automática, pré-programada, que pode contemplar questões de múltipla escolha, verdadeiro ou falso, correspondência e outros tipos de perguntas. É possível fornecer *feedback* aos alunos de forma também automática. Esse tipo de módulo é usado no curso como complementar a atividades em que há uma relação mais direta entre o professor e o aluno, como os *chats* e os fóruns.

Quiz O *quiz* é um exercício de múltiplas respostas e pode ser usado para estimular a reflexão ou testar a compreensão dos alunos sobre um tópico de forma mais objetiva.

Como recurso para a formatação do curso são utilizados “rótulos” – que permitem que textos e imagens possam ser inseridos no meio das atividades na página do curso de forma a organizar visualmente os *links* para as atividades, cabeçalhos e textos explicativos, por exemplo –, “arquivos” – são exibidos na interface do curso ou através de um ícone, para que seja feito o seu *download* –, e o módulo URL – que permite ao professor fornecer um *link* para ambientes externos ao curso.



Figura 1: Imagem do curso

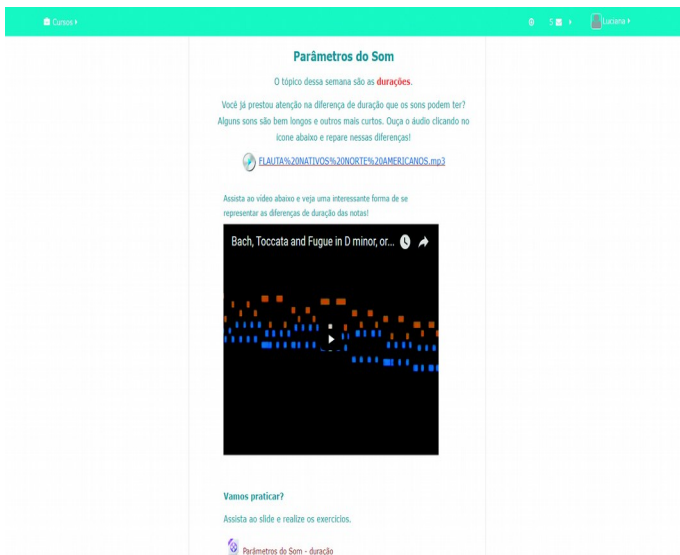


Figura 2: Recursos da Plataforma

Em especial as atividades dos fóruns e *chats* têm despertado meu interesse, e também dos alunos, pela possibilidade de uma interação entre o que é discutido no ambiente interno do curso com conteúdo disponível na *web*. Vejamos, como exemplo, o trecho de uma conversa realizada pelo *chat*, ainda no projeto piloto.

- 21:25 **Natalia:** *Eu fiquei com um pouco de dúvida na altura (grave agudo).*
- 21:25 **Natalia:** *Na hora da percepção ouvindo uma música...*
- 21:25 **Luciana:** *Acho que vc escolheu uma música difícil.*
- 21:25 **Natalia:** *Tem umas que tentei ouvir depois que foram mais complicadas...*
- 21:26 **Luciana:** *Me fala aí uma música qualquer que vc imagina que seja mais fácil!*
- 21:26 **Luciana:** *Pode ser Asa Branca?*
- 21:26 **Natalia:** *Pode*
- 21:27 **Luciana:** *Pensa na melodia da frase: QUAN - DO_O - LHEI, são três notas, certo?*
- 21:28 **Natalia:** *Certo*
- 21:28 **Luciana:** *Tem alguma nota repetida ou as três são diferentes?*
- 21:30 **Natalia:** *Acho que são diferentes*
- 21:32 **Luciana:** *E o movimento delas (grave/médio/agudo) seria qual?*
- 21:33 **Natalia:** *Médio/grave/agudo?*
- 21:33 **Luciana:** *Tentou cantar?*
- 21:34 **Natalia:** *Sim*
- 21:34 **Luciana:** *Tem som no seu computador?*
- 21:34 **Natalia:** *Aham*
- 21:34 **Natalia:** *Botei pra tocar também*
- 21:35 **Luciana:** *Usando as três primeiras teclas do teclado experimente fazer o movimento médio/grave/agudo pra ver se parece asa branca <http://www.bgfl.org/bgfl/custom/resources_ftp/client_ftp/ks2/music/piano/>*
- 21:37 **Luciana:** *Tem esse teclado também <<http://tecladomusicalvirtual.com/teclado-com-resposta-imediatea/>>*
- 21:39 **Luciana:** *Então?*
- 21:43 **Natalia:** *Não parece nem um pouco.*

21:43 **Luciana:** *Se não der certo experimente, com essas três notas outras combinações e veja qual se parece mais*

21:44 **Natalia:** *Seria do grave para o agudo*

21:44 **Luciana:** *Isso, grave, médio e agudo. Com o teclado fica bem mais fácil né?*

21:44 **Natalia:** *Muito mais fácil pra perceber*

Nessa conversa foi possível buscar um *software* que pôde auxiliar a estudante na identificação da altura dos sons. Não tivemos na ocasião a possibilidade de uma conversa “falada”, em que pudéssemos utilizar a voz como meio de expressão musical. Mas vale salientar que a possibilidade de utilizar recursos como os teclados virtuais vem incentivando a busca por outros tipos de instrumentos virtuais e estimulando a experimentação sonora por meio desses instrumentos, conforme pudemos observar. Certamente que o exercício não se encerra na questão de pura e simplesmente se identificar o caminho trilhado por determinadas notas. Utilizamos esse trecho da conversa apenas para mostrar a possibilidade imediata de trazer recursos tecnológicos para a conversa.

O caso a seguir apresentou uma situação em que buscamos no *youtube* exemplos de músicas em que pudéssemos observar e destacar diferenças entre compassos. De certo que, em uma aula presencial, o computador e a internet também podem propiciar a utilização desse tipo de recurso. Mas, no caso do EaD, o que buscamos mostrar é que são essas as possibilidades que tornam mais dinâmica a interação entre professor e aluno.

15:15 **Adriana:** *Quando fiz os exercícios, senti mais dificuldade na questão da acentuação e pulso, para identificar se binário, ternário ou quaternário. Hoje, ouvindo novamente já não me pareceu tão difícil...*

15:17 **Luciana:** *Vou te enviar uma música pra ver se vc percebe. Espere um instante.*

15:19 **Luciana:** *Entre no link e veja o que percebe na música. Se é binária, ternária ou quaternária <<https://www.youtube.com/watch?v=TfLFuwHIOTA>>*

15:27 **Adriana:** É binário?

15:29 **Luciana:** Certo! Vc percebeu a zabumba (instrumento que tem o som como se fosse um tambor)? Ela faz TUM TUM TUM. E faz isso sucessivamente, nos dando a sensação de que a cada dois tempos uma coisa se repete. Consegue ouvir isso?

15:29 **Adriana:** Sim!!!

15:30 **Luciana:** Legal! Agora tente essa

<<https://www.youtube.com/watch?v=eCKt1eEWD3s>>

15:30 **Adriana:** Foi engraçado, porque estou na sala com outros professores e tive que me conter nos movimentos pra acompanhar a música... rrsrrs

15:31 **Adriana:** Na 6a feira passada, quando saí à noite, ouvi uma banda de rock. Deu pra perceber que é quaternária...

15:32 **Adriana:** Mas o movimento do corpo ou quando acompanhamos com as mãos ou com os pés ajudam a perceber, além dos instrumentos.

15:33 **Luciana:** Interessante, os gêneros musicais têm como uma de suas características essa acentuação, que a gente chama de compasso. O Rock, em geral, é quaternário, como vc percebeu. Sim, o corpo é fundamental. Diria que é um primeiro estágio.

15:34 **Adriana:** Com as crianças em sala de aula ou mesmo com jovens e adultos, talvez a proposta não seja identificar se binária, ternária ou quaternária... que atividades poderíamos propor que trabalhassem esse fundamento, sem no entanto "falar esses nomes"?

15:35 **Luciana:** Talvez não precise nem falar, só mostrar que é diferente!

15:38 **Adriana:** Se eu propor para eles ouvirem um samba, uma valsa e um rock e pedisse para perceberem as diferenças... Imagino que as respostas seriam diversas...

15:38 **Adriana:** Daí a partir disso, tentar marcar com um instrumento... dá pra fazer?

15:39 **Luciana:** Se vc pedir pra dançar talvez essa questão do pulso, da acentuação apareça.

15:39 **Adriana:** Verdade.

15:40 **Luciana:** E o link que te enviei, ouviu?

15:43 **Adriana:** Adoro! Dançava com meu pai...

15:44 **Adriana:** O 1, 2, 3... 1, 2, 3...

15:44 **Luciana:** Qual é a acentuação?

15:45 **Adriana:** Ternária.

15:45 **Luciana:** Sim, ternária! vc está fera heim?!

15:45 **Adriana:** Nossa essa é bem fácil mesmo...

15:46 **Adriana:** *Talvez sejam as referências da infância... rrsrs*
15:46 **Adriana:** *Muito legal! E na escola... dá pra fazer também!!!*

4. Para finalizar

Interessante notar que o curso a distância nos proporcionou um contato mais direto e pessoal com os alunos. Nas turmas presenciais em que tivemos oportunidade de atuar nos últimos anos, a pouca carga horária associada a um grande número de alunos (no citado curso de extensão de Mangaratiba, por exemplo, foram cerca de 80 alunos, e as turmas presenciais da disciplina “Educação Musical: conteúdo e método” do IEAR contam a cada semestre com mais de 40 alunos) torna inviável uma aproximação como as relatadas nas conversas via *chat*. Além do mais, a facilidade no uso de recursos da internet, como nos casos acima (foram utilizados programas gratuitos e vídeos do *youtube*), por já estarmos em um ambiente virtual, se mostrou extremamente favorável ao diálogo entre professor e aluno.

Ao final dos cursos EaD disponibilizamos um questionário de avaliação que busca compreender a viabilidade do uso dos recursos disponíveis na contribuição para o processo de desenvolvimento musical dos alunos, entre outros aspectos. Não temos a pretensão de que esse processo se finde na conclusão desse curso, mas, ao contrário disso, cremos que ele pode ser a mola propulsora, aquilo que vá instigar a busca por uma maior compreensão da música e das suas possibilidades para a formação humana no âmbito da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, área de atuação do pedagogo.

Respostas que tivemos dos alunos nos dão pistas que esse pode ser um caminho no despertar desse interesse. Relato aqui respostas dos estudantes de pedagogia à pergunta: “de que forma este curso lhe

auxiliou ou poderá lhe auxiliar no desenvolvimento de atividades musicais em sala de aula?”

Este curso está me fazendo diferenciar os sons, marcar o tempo, conhecer mais instrumentos. Sendo assim passei ser mais observadora quando ouço uma música e isso irá me auxiliar caso venha desenvolver alguma atividade musical.

Me auxiliou bastante, com conteúdos que nunca tinha parado para pensar, ou aprender... Ao planejar essas atividades de aula para crianças, me imaginei colocando-as em prática. O que seria maravilhoso de ambas as partes.

A pensar de maneira musical, desenvolvendo atividades que visem a formação dos meus futuros alunos.

O curso me ajudou a ter o entendimento dos conceitos da música. A nomear o que significa cada coisa e abriu um leque de opções de atividades musicais que poderá ser trabalhado em sala de aula.

Para a pergunta “Como você avalia sua aprendizagem através da realização das atividades propostas pelo curso? Foi satisfatória?” tivemos respostas como:

A minha avaliação sobre o curso é satisfatória, porque o curso deu suporte para um aprendizado claro e os exercícios foram primordiais na compreensão das aulas.

Acho que sim, pois sempre busco novas informações sobre a importância da música na educação e ter novas informações sobre o tema, me faz refletir mais e buscar novas possibilidades de aprendizagem.

Foi bastante satisfatória, aprendi diversas coisas que nunca imaginava que existia, como o pulso e o tempo, se fosse em outra ocasião eu jamais saberia responder o que é. É claro que ainda restam dúvidas e sempre haverá.

Amei, teve atividades que não me sai tão bem, porém é através das dificuldades que aprendemos mais. Aprendi muita coisa que ficará marcada na minha formação e, com certeza, quando estiver oportunidade, as colocarei em prática.

Vale notar que a intenção não é o “acerto” nas atividades do curso, mas mostrar aos alunos um tipo de conhecimento e despertar para possibilidades de trabalho com esse conteúdo em sala de aula. Uma aluna disse:

De verdade? Não fui muito bem, admito! De 0 a 10, me daria um 7, 5! Não acho que fui legal e mereça um 10 não. Porém, me esforcei um pouco e pude perceber que a intenção desta disciplina é despertar o que de fato eu entendi: que a música é uma grande aliada no processo de aprendizagem! Aprendi isso e não esquecerei jamais!

Outra aluna respondeu:

Sim, mas o meu tempo foi pouco para que eu entrasse ao fundo. Mas vou pesquisar e estudar mais sobre o tema de educação musical nas escolas, não só na creche, mas como no ensino fundamental e médio.

Se depoimentos como esses podem sugerir uma postura favorável e aberta à compreensão musical, nosso objetivo foi cumprido.

Ao avaliar o formato das atividades propostas pelo curso, alguns alunos relataram dificuldades em exercícios que “dependiam de um conhecimento maior da internet” ou que “algumas atividades era de difícil formatação, seria bom se todas as atividades pudessem ser feitos na própria plataforma, ajudaria aqueles que têm mais dificuldade com computadores, planilhas eletrônicas”. Buscamos resolver muitas dessas

questões através do auxílio da tutoria, coisa que estamos experimentando no atual semestre e que tem se mostrado bastante positiva em questões como essas.

Sobre a linguagem utilizada na descrição das atividades e sobre os recursos utilizados, o resultado da avaliação dos alunos foi extremamente positivo:

A linguagem do curso é bem didática, os vídeos são simples e de fácil entendimento. Os recursos também são eficazes, sempre tem um vídeo ou algo pra somar no conhecimento.

Fácil e interessante, pois muitas perguntas em apostilha de músicas as perguntas são a partir de 2 linhas ou mais, e muitas vez de difícil compreensão.

Excelentes, de fácil assimilação e dinâmicos.

Achei a plataforma bem clara, desde a apresentação e explicação sobre os temas até os exercícios, são bem explicados e a linguagem utilizada é de fácil entendimento.

A linguagem é bem clara e os recursos também. Maravilha!

Muito bom, gostei da grade montada para disciplina dos recursos que foram oferecidos para entendermos os exercícios como vídeos, áudios explicativos e principalmente o exercício de apresentação dos instrumentos de percussão com a escola de samba achei muito interessante.

Da mesma forma, os alunos avaliaram de forma positiva o conteúdo do curso:

De extrema importância e que todos os educadores deveriam ter acesso.

Os conteúdos são ótimos e são trabalhados de forma clara e didática.

Nota 10.

Interessante, pois me fez pensar bastante.

O conteúdo é muito bom, de forma que vai se apresentando aos poucos e sempre da continuidade no que já foi proposto.

Por fim, fizemos a pergunta: “Você acha importante, em sua formação como professor, ter a música como disciplina obrigatória?”. Tivemos respostas que sinalizam a compreensão da necessidade de continuidade nessa formação na área da música:

Sim, mas acho que é necessária uma informação maior sobre o tema para o professor. Muitos acham que a disciplina de música é ensinar os alunos a tocar instrumentos e na verdade, seu objetivo é muito mais amplo.

Sim, acho!!!! Porque vi que realmente não é conversa fiada, que funciona de forma positiva, desde que nós professores sejamos orientados e convencidos desta importância. Adorei!

Acho sim, por que nos dá mais um suporte para ser trabalhado em sala além de teorias, podemos dinamizar nossas aulas e torná-las mais sensíveis e agradáveis para as crianças. Acho que devia ter a opção totalmente presencial pois é uma disciplina muito boa e pretendo fazer agora as aulas presenciais como ouvinte quando puder.

Através do relato de experiências iniciais com a educação a distância na formação de professores unidocentes na área da música, esperamos contribuir com o debate dessa temática na área da educação

musical. Buscamos mostrar os fundamentos e as experiências preliminares que nortearam o desenvolvimento desse trabalho. Se em um primeiro momento tínhamos a expectativa apenas da possibilidade de incrementar um material audiovisual produzido no formato livro/CD, através da “animação” de imagens sincronizadas ao áudio, a experiência nos mostrou uma série de outras possibilidades que geraram interesse nos alunos e uma maior possibilidade de diálogo entre professor e aluno. Afora a questão do EaD poder subsidiar e estimular processos de formação inicial e continuada a professores em contextos que não dispõem de outros tipos de recursos, observamos que a interlocução via plataforma *moodle* propiciou interessantes formas de interação entre professor e aluno, resultando em formas positivas de ensino-aprendizagem musical.

No contexto da educação a distância buscamos, conforme Lemgruber (s.d.), não tender nem a um extremismo que condena o EaD por tudo o que ela pode representar em termos de precarização dos processos de ensino e aprendizagem, nem ao outro lado, que exalta as ferramentas tecnológicas como redentoras desses processos. Tomamos uma posição que entende que não são os mediadores dos processos formativos aquilo que determinarão sua concepção. Termino retomando o depoimento de uma aluna citada, que em sua autoavaliação observou que seu aproveitamento corresponderia a uma nota sete, e que desmereceria uma nota dez. Ao contrário disso, consideramos que a estudante correspondeu ao aspecto primordial dessa investida, como poderemos ver em sua fala:

Como disse anteriormente... no começo vi o conteúdo, mas agora, quando fiz o tópico 8... com os 4 planejamentos, pude entender que mesmo não sendo uma aluna boa na disciplina, que consegui “pescar” o intuito da coisa: a intenção do curso era realmente que nós entendêssemos a importância da música na educação!

Isso já é um excelente começo!

Referências

Brasil. 1996. *Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996*.

http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm.

———. 2008. *Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008*.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111769.htm.

Bellochio, Cláudia Ribeiro, e Luciana Wilke Freitas Garbosa, orgs. 2014. *Educação musical e pedagogia: pesquisas, escutas e ações*. Campinas: Mercado de Letras.

Belloni, Maria Luiza. 2012. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados.

Conselho Nacional de Educação. 2013. "Parecer CNE/CEB nº 12/2013, aprovado em 4 de dezembro de 2013". Brasília: Ministério da Educação.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=14875&Itemid=.

Figueiredo, Sérgio Luiz Ferreira de. 2004. "A preparação musical de professores generalistas no Brasil". *Revista da ABEM* 11: 55–61.

Gohn, Daniel Marcondes. 2011. *Educação musical a distância: abordagens e experiências*. São Paulo: Cortez.

Lemgruber, Márcio Silveira. [s.d.]. "Educação a distância: para além dos caixas eletrônicos". *Portal do MEC*. Acessado 10 de agosto de 2016. http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/marcio_lemgruber.pdf.

Requião, Luciana. 2013a. "Educação Musical em escolas da Costa Verde Sul Fluminense: problematizando possibilidades de implementação da Lei.11.769/2008". *Revista da ABEM* 21 (30): 91–102.

———. 2013b. *Sons e pulso: formação inicial em música e educação*. Rio de Janeiro: Luciana Pires de Sá Requião.

———. 2015. "Apenas a lei não basta: o processo de implementação da educação musical em um curso de pedagogia do litoral sul fluminense". In *XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical*. Natal: ABEM.

Swanwick, Keith. 2014. *Música, mente e educação*. Traduzido por Marcell Silva Steuernagel. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Thiollent, Michel. 2006. "A inserção da pesquisa-ação no contexto da extensão universitária". In *Pesquisa participante: o saber da partilha*, organizado por Carlos Rodrigues Brandão e Danilo Romeu Streck, 151–66. Aparecida: Ideias et Letras.

———. 2011. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.

Tripp, David. 2005. "Pesquisa-ação: uma introdução metodológica". *Educação e Pesquisa* 31 (3): 443–46.